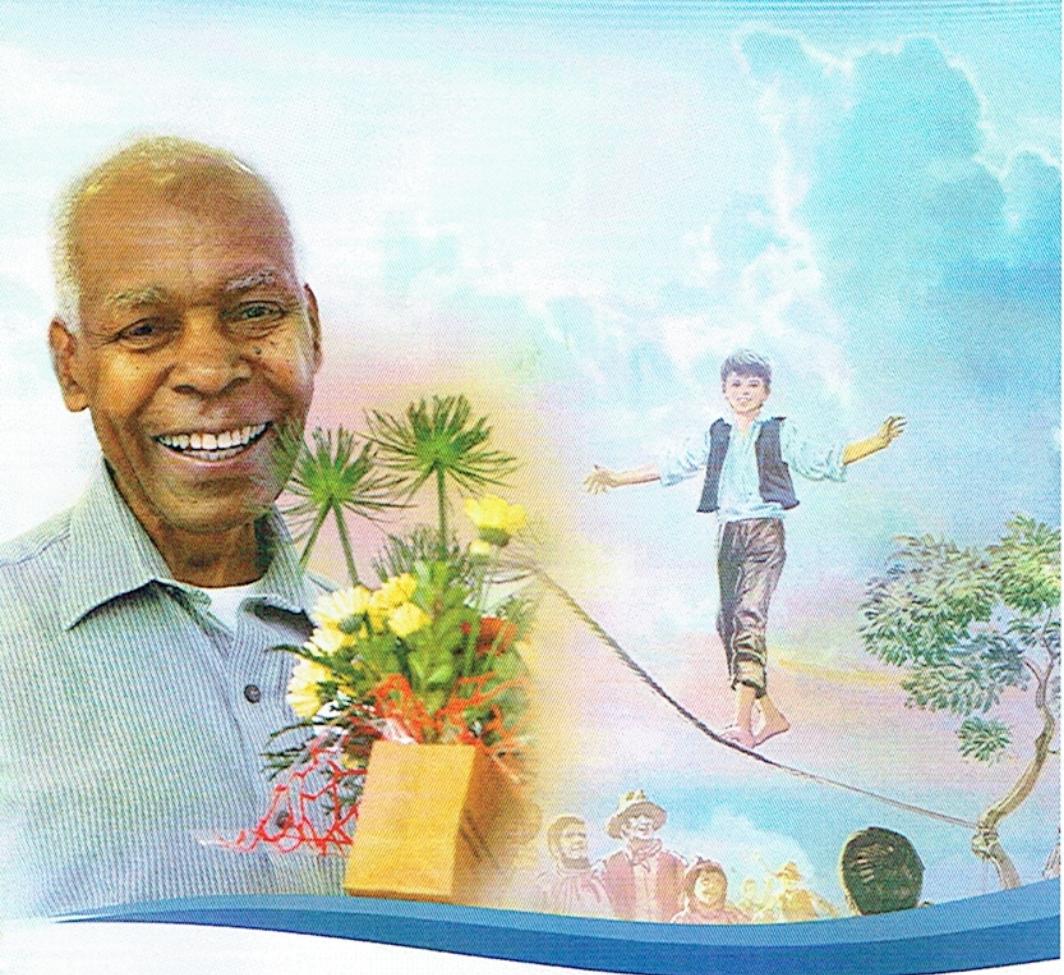


Ir. Walmor Marcos Muniz Freitas, SDB



“Apeguemo-nos com firmeza à esperança
que professamos, pois aquele que prometeu é fiel”

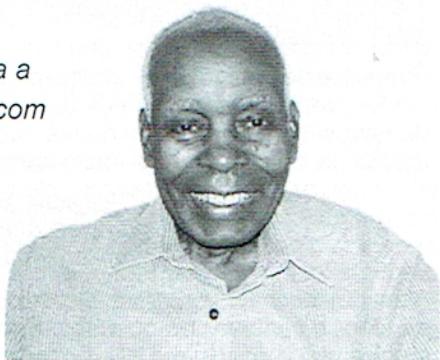
(Hb 10, 23).

W.M

“Sua vida foi um hino de glória para a Congregação, porque buscou viver com fidelidade o ideal salesiano”.

Estamos ainda respirando a aura do bicentenário do nascimento de Dom Bosco. O refrão se repete compassado: – Tu, também tu, segue agora Dom Bosco; como Dom Bosco, na trama de Deus. Ir. Walmor, grande conhecedor de Dom Bosco, temperante como Dom Bosco, cantou o belo refrão, não tanto com sua linda voz de tenor, mas, e principalmente, com a vida; com o testemunho luminoso que encanta e arrasta. Dom Bosco o recebeu de braços abertos, sorrindo como sempre, no paraíso, justamente às vésperas do seu aniversário.

Como Dom Bosco, ele viveu a trama de Deus. Muito bem se expressou o Pe. Inspector: *“Sua vida foi um hino de glória para a Congregação, porque buscou viver, com fidelidade, o ideal salesiano”.*



DADOS BIOGRÁFICOS

“Foi sempre um salesiano exemplar, admirado por todos, de modo especial pelos ex-alunos de Niterói e Cachoeira do Campo”

Ir. Walmor era natural do Rio de Janeiro. Nasceu no dia 12 de maio de 1921, no Bairro Engenho Novo. Descendente de escravos, estudou no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, concluindo o Ensino Fundamental em 1938. Cursou o Ensino Médio em Lorena, quando já decidira a caminhada salesiana, com Dom Bosco.

Aos oito anos, teve o primeiro contato com os salesianos, no Riachuelo e aí frequentou o Oratório Festivo. De sua presença no Oratório, surgiu sua vocação para salesiano.

Fez o noviciado em Pindamonhangaba, SP, em 1942. Em 31 de janeiro de 1943, fez a primeira profissão. Fez o tirocínio, então de três anos, no Colégio São Joaquim de Lorena. Distinguiu-se como professor de Português, Francês, Matemática e como Secretário de Escola, com título oficial. Fez seus votos perpétuos no dia 26 de janeiro de 1949.

Foi sempre muito estudioso. Fez curso de Psicologia; obteve a Licenciatura em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional, em São João del Rei. Fez Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense; aplicou seus conhe-

cimentos no Colégio Santa Rosa de Niterói. De 1969 a 1973, ampliou seus conhecimentos em Psicologia, estudando na Bélgica. Fez também curso de Língua e Literatura Francesa, na França.

É reconhecido como ótimo professor. Lecionou na Universidade Federal de São João del Rei, na Universidade Federal Fluminense. Era apreciado como grande pregador de retiros. Lembro-me bem de um dos retiros que ele pregou para os noviços de Jaboatão, lá em Carpina. Foi muito apreciado.

"Poliglota, sabia, com maestria, conquistar aquela juventude com suas aulas de português, francês... latim. (...) Foi um Mestre especial e completo. Tudo nele era perfeito..."

Além de educador, foi artista. Destacou-se no teatro; como cantor, tinha uma bela voz de tenor e cantava nas operetas. Seu ponto forte foi a mágica. Um dos festivais de mágica mais antigos, em Niterói, foi criado por ele. Os alunos se divertiam muito com seu malabarismo, seu ilusionismo e hipnotismo. Ele entrou no Guiness Book como produtor do espetáculo de mágica com maior tempo de atividade ininterrupta. Também foi Presidente dos mágicos do Brasil.

Publicou artigos e livros. Destacamos: Cidadãos de Têmpera de Aço (1961); Pequenos Heróis – Teatro (1961); Levantamento e Estudo de interesses vitais dos adolescentes da cidade de Niterói (1964); A Temperança em Dom Bosco (2008).

SEUS ÚLTIMOS DIAS

Pe. Gustavo Cola, diretor da Comunidade, narra o final de seus dias em
BREVE CRÔNICA DE UM “ATÉ BREVE”

"Mal se cumpriam três meses desde que, transferindo-me para Niterói, era acolhido por ele, com a cordialidade e o sorriso que reservava, sempre, para todos: -'Bem-vindo, Padre Gustavo! Que você seja feliz entre nós!'. Muito pouco tempo depois, eu já estava ali, num modesto quarto de hospital, acompanhando-o naquela que seria sua última noite antes de entrar na felicidade plena da comunhão Trinitária. Esforcei-me para, neste Getsêmani imprevisto, não dormir, mas vigiar e orar, como recomendara o Mestre aos dois discípulos.

Sem suar sangue, embora inegavelmente afliito, Irmão Walmor parecia sentir que a hora se aproximava. A sua, porém, não era uma aflição ruidosa ou desesperada. A paciência e a fé cultivadas com rigor no arco dos 94 anos de sua vida não o abandonariam no momento derradeiro. Contudo, naquele leito metálico, tentando encontrar posição que confortasse seu corpo longo, encurvado e muito emagrecido, acabava deixando escapar alguma agitação interior. Procurei ser solícito a todas as suas chamadas ou, até mesmo, aos seus mínimos movimentos em busca de alívio, facilitando-os. Isto, no entanto, parecia incomodá-lo ainda mais. Repetia, com frequência, as mesmas desculpas por 'dar trabalho'.

Até algumas horas antes, não podíamos imaginar que tudo aquilo era sua maneira de completar na própria carne os sofrimentos de Cristo (Cl 1,24), em modo definitivo. Estávamos um tanto habituados com as 'profecias' que ele sempre fazia, principalmente na ocasião de cada aniversário natalício ou festa de nossa tradição salesiana, sobre o final dos seus dias. Ele parecia sempre mais forte depois de dizê-las. Naquela segunda-feira, porém, algo escapava a esta normalidade. Todos estranhamos que ele não estivesse na capela esperando-nos para as Laudes, como de costume. Soprava a primeira friagem de maio e, para acalmar os pensamentos mais negativos que ocorrem nessas horas, logo imaginamos que, para ele, estivesse difícil levantar-se. 'Ele é muito sensível ao frio' – foi o que comentamos rapidamente, enquanto abrimos o livro de oração. Não podíamos pensar em nada além disso, já que, no domingo, à noite, tínhamos conversado demoradamente à mesa. Mesmo assim, terminados o ofício divino e a meditação, Pe. Geraldo Magalhães e eu fomos até sua porta para perguntar se estava tudo bem. Resposta: 'já vou levantar!'.

Seguimos, então, com nossas primeiras ocupações do dia. Às 9h30, entretanto, o quarto ainda estava fechado e silencioso. Fui informado que a Lindaci, nossa colaboradora na cozinha, já estivera lá e o Pe. Pedro também. Acionamos, sem mais demoras, o Dr. Claudinho que, pouco tempo depois, já conduzia o Ir. Walmor para o Hospital Santa Martha, a fim de realizar alguns exames. No meio da tarde, entre alguns risos e anedotas, retornam os dois, já que os exames não indicavam qualquer anormalidade. Repouso e boa alimentação deveriam dar conta daquela inexplicável fraqueza que se abatera sobre o sempre vigoroso Walmor.

Na manhã seguinte, Dr. Claudinho volta para uma visita e percebe os primeiros sinais de febre. A indisposição aumentava e dores na região abdominal começavam a incomodar. O dedicado ex-aluno e médico decide, novamente, conduzir o professor Walmor para o hospital. Combinei que logo mais iria até lá, depois de encaminhar algumas coisas na paróquia.

Quando cheguei, já depois do almoço, ele repousava no quarto 112, situado bem próximo do CTI. Recebeu-me com simpatia, disse que eu não precisava ficar ali durante a noite, conversou um pouco, assistiu à televisão. Às 18h00, rezamos as Vésperas e o terço. Em seguida, tentou jantar. Comeu muito pouco. Pe. Pedro veio fazer uma visita e trazer alguns remédios seus de uso contínuo. Ir. Walmor interagiu na conversa e, depois de despedir-se do Pe. Pedro, ainda esperou o 'Jornal Nacional'. Acompanhou com interesse todas as notícias. Algumas mereceram até comentários seus. Em seguida, tentou descansar.

Com o avançar da noite, entretanto, seu quadro piorou: começou a tossir; não conseguia beber água; tinha vontade de urinar, mas não expelia nada; uma dor na região lombar passou a incomodá-lo; e, ao ingerir um medicamento, vomitou. As enfermeiras atendiam como podiam às nossas chamadas. Logo pela manhã, ainda bem cedo, chegou o Dr. Claudinho. Voltei para casa, um tanto cansado e preocupado, para recolher roupas, objetos pessoais, fazer alguns contatos, etc. Quando eu regressava ao hospital, o telefone deu sinal. Era o Pe. Pedro. Em seguida, Dr. Claudinho ligou e me pediu que retornasse para nossa residência. Lembrei, aliviado, que o Ir. Walmor tinha recebido o sacramento da reconciliação havia pouco tempo e tinha recebido a unção dos enfermos na última celebração comunitária da Basílica. Pela manhã, também, tínhamos rezado as Laudes no hospital.

Em casa, Dr. Claudinho comunicou-nos que o Ir. Walmor tivera uma parada cardio-respiratória logo depois de examinado por seu ex-aluno cardiologista, Dr. Luiz José Romeu, sendo reanimado pela equipe de socorro do hospital. Foi conduzido para a UTI e o que nos restava fazer era aguardar e rezar. A julgar por sua vivíssima consciência até poucos minutos antes, era difícil imaginar que a situação estivesse tão grave.

Meia hora depois, veio a notícia. Irmão Walmor tinha partido para a pátria definitiva. Adormecera no Senhor o incansável Walmor que, como salesiano, para ganhar a todos, fez-se 'tudo' (1 Cor 9,22): religioso, educador, psicólogo, supervisor escolar, esportista amador, mágico, pregador de退iros, acompanhante espiritual, enfim, testemunha do Reino, na casa salesiana. Fizera-se agora, intercessor. Com o sorriso largo e perfeito, de sempre, haverá de ser um dos nossos introdutores no banquete eterno. Dirá, certamente: - 'Bem-vindo! Serás muito feliz entre nós!'".

IR. WALMOR, O PRÍNCIPE DA ALEGRIA

O dia 30 de outubro de 1835 foi o primeiro dia de João Bosco no Seminário de Chieri. Chegando ao seminário, junto com o amigo Guilherme Garigliano, viu, abaixo do relógio de sol, uma inscrição que convidava à alegria. O relógio foi restaurado e ainda se conserva no pátio do edifício que foi, no tempo de João Bosco, a sede do seminário. A inscrição dizia: "*Aflictis lentae, celeres gaudentibus horae*". A alegria ficou sendo a marca principal da espiritualidade de Dom Bosco.

Segundo Memórias Biográficas, Vol. III, 593 – 593, Dom Bosco atendia as confissões, no sábado, até tarde da noite. Agora, como ocupar o tempo dos jovens que deviam esperar Dom Bosco acabar suas confissões para irem dormir? Não era o caso de estudo, trabalho ou recreação no pátio. Então Carlos Tomatis, aos vinte anos, fixando morada no Oratório onde ficou até 1861, muito brincalhão, cheio de piadas, rico em brincadeiras agradáveis e brilhantes, com a aprovação e conselho de Dom Bosco, começou a reunir, num cômodo, todos os jovens que já tinham se confessado. Tomava dois lenços, fazia-lhes um nó em ângulo e colocados sobre um dedo de cada mão, movimentava-os de modo bizarro, entrelaçava diálogos tão agradáveis entre os dois lenços que provocava risadas intermináveis.

Depois de algum tempo, não bastando esta brincadeira para despertar o interesse, Tomatis comprou uma cabeça de marionete e formou, com ela, um boneco e então os entretenimentos noturnos retomaram maior brilho pelas coisas extraordinárias que aquele boneco dizia e pela graça e movimento característico deste tipo de boneco.

Um nobre senhor, o Marquês Fassatti, que, algumas vezes tinha assistido a esta recriação, deu de presente aos jovens um completo teatro de marionetes. E Tomatis foi sempre aquele que se encarregou das apresentações. Depois o teatro evoluiu e Dom Bosco teve que ditar regras.

Ir. Walmor foi o príncipe da alegria. Dom Bosco disse: "O demônio tem medo de gente alegre". Tão bom conhecedor de Dom Bosco, com certeza, Ir. Walmor tinha consciência disto e semeou muita alegria pela vida toda.

Ir. Walmor, grande estudioso e conhecedor de Dom Bosco, temperante como Dom Bosco, faria grande sucesso; faria uma dupla famosa com Tomatis, se fosse no Ora-

tório do tempo de Dom Bosco. Semearia muita alegria entre os oratorianos e seria a alegria do próprio Dom Bosco, o santo da alegria. Sua habilidade para mágicas; seu conhecimento e domínio na área do hipnotismo foram a base segura para manter a alegria dos jovens, alegria tão sonhada e pregada por Dom Bosco.

Nós, que fomos aspirantes em São João del Rei, na década de 50, nos lembramos com muita admiração daquela figura simpática do Ir. Walmor. Chegara para fazer uma sessão de mágica e hipnotismo. No início nos brindou com sua bela voz de tenor, cantando Santa Lucia, canção napolitana... *Sul mare luccica l'astro d'argento*, acompanhado ao piano pelo Pe. Iannini. Logo em seguida foi o impressionante espetáculo de mágica e hipnotismo. De mágica já conhecíamos alguma coisa. Porém, de hipnotismo, nada. Foi então uma noite deslumbrante, inesquecível.



"A palavra é viva quando são as obras que falam"

"Quem está repleto do Espírito Santo fala várias línguas. As várias línguas são os vários testemunhos sobre Cristo, a saber: a humildade, a pobreza, a paciência e a obediência; falamos estas línguas quando os outros as veem em nós mesmos. A palavra é viva quando são as obras que falam. Cessem portanto, os discursos e falem as obras. Estamos saturados de palavras, mas vazios de obras." Dos sermões de santo Antônio de Pádua.

"Ir. Walmor era poliglota. Sabia conquistar os jovens que cruzavam seu caminho. Foi um mestre especial e completo" - disse uma professora do Colégio Santa Rosa. Tudo nele era perfeito. Mas, ele era poliglota, sobretudo, com o testemunho, conforme pregou santo Antônio. Falou com a humildade, com a pobreza, com a paciência e a obediência. Falou com as obras. Falou vencendo, com medalha de ouro, o preconceito racial.

Ele pertencia mais a Deus. Deus tinha o primado em sua vida de místico do Espírito. Vivia na trama de Deus, na proximidade de Deus, na união com Deus... era um buscador de Deus. Sua vida religiosa de consagrado Salesiano fez dele um sinal luminoso. Como Elias, ele partiu para Deus arrebatado num carro de fogo.

DEPOIMENTOS

Pe. ORESTES CARLINHOS FISTAROL - INSPECTOR

"Príncipe Walmor parte discretamente

O carioca suburbano, Walmor Marcos Muniz Freitas, neto de escravos, sentiu na alma a discriminação racial na infância e na juventude. Quando dialogávamos, fazia alguma referência a isto.

Atraído pelo oratório do Riachuelo, RJ, aos oito anos de idade, nunca mais deixou a Casa salesiana. Decidiu ser salesiano porque encontrou filhos de Dom Bosco zelosos, inseridos no meio dos jovens, com coração oratório. Sentiu-se acolhido e amado. Foi educado à fé e percebeu oportunidades para a vida. O Senhor Jesus chamou o pobre Walmor para ser amante dos pobres, embora, ao longo da vida, tenha educado também, com o mesmo amor, muitos filhos da classe média. Qualificou-se em diversas ciências humanas. Contudo, a superação da dor do preconceito racial se deu pela forte espiritualidade salesiana, alimentada no cotidiano. Tendo conhecido o mar desde pequeno, Ir. Walmor aprendeu a gerenciar a vida imerso no oceano de Deus.

Na Congregação, particularmente na Inspetoria São João Bosco, foi referência significativa no mundo da educação, da evangelização e na formação de salesianos. Nunca deixou que lhe roubassem o coração oratório e, por causa do oratório, desenvolveu grandes habilidades no campo artístico. Foi um mágico clássico e teve a capacidade de despertar, entre os mágicos do Rio de Janeiro e de Niterói, admiração e devoção a Dom Bosco.

Vi, pela primeira vez, o Ir. Walmor há quarenta anos, no aspirantado de Ascurra, SC. Eu tinha dez anos de idade. Marcou-me muito este salesiano irmão, que falava com sotaque bonito e fazia mágicas com tanta competência. Na ocasião, fez grande espetáculo, apresentado com classe e requinte! Impossível esquecê-lo.

No dia 12 de fevereiro de 2016, disse-me na Casa salesiana de Niterói: 'deste ano eu não passo, Pe. Inspector'. Retruquei-lhe: 'em 2014 e 2015, o senhor me afirmou a mesma coisa. Não coloquemos limites à Providência'. Certamente ele sentia interiormente os limites próprios da idade e o enfraquecimento progressivo. Nos últimos dois anos de vida, tive a graça de poder conviver e sentir mais de perto os sentimentos e um pouco de seu mundo interior. Sua vida foi um hino de glória para a Congregação, porque buscou viver, com fidelidade, o ideal salesiano.

Tendo presente a Literatura Sapiencial, podemos afirmar que Irmão Walmor amou a justiça. Por isso, foram obra sua as grandes virtudes. Ensinou a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza, que é o que de mais importante há na vida dos seres humanos (cf. Sb 8,7).

Príncipe Negro, como era conhecido entre os mágicos, Irmão Walmor Marcos, devoto de Maria, partiu no mês mariano. Nunca queria incomodar os outros e relutava ser auxiliado para fazer as coisas mais simples de Casa. Levado ao hospital, não resistiu à segunda parada cardíaca. A temperança reforçou nele a guarda do coração e o domínio de si mesmo, e ajudou-o a manter-se sereno (cf. C 18) até o fim.

Ir. Walmor pesquisou muito a temperança nas Memórias Biográficas de Dom Bosco. Isto o ajudou a ser temperante ao longo da vida salesiana. A última apresentação do mágico foi a de partir com discrição. O jardim salesiano recebeu grande tesouro. Deo gratias".

IR. ROMILDO HENRIQUES PINAS

"A perda irreparável do irmão Walmor nos remete obrigatoriamente à efemeridade da vida. Como constatou a antropologia filosófica arcaica, somos os 'ephéméroi', seres de um dia; isto se contrapõe aos deuses - 'theoi athánatoi', os imortais e, por isto, 'eudáimones'. Na tradição cristã, isto é mudado com a Encarnação, vida, morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Neste mistério, participamos da vida eterna de Deus. Pela fé, nos abrimos a esta destinação e já nos tornamos salvos.

Agradecemos o dom da vida do Sr. Walmor, ele que, como todo mortal, não escapou das agruras da vida e das instituições; nunca se abateu, mantendo olhar fixo na esperança cristã. Hoje, o grande mágico (o Príncipe Negro) fica em silêncio, se cala diante do desvelar da eternidade. Ele encontra o que sempre procurou; recebe o prêmio da vida eterna. 'Servo bom e fiel, vem alegrar-te com teu Senhor' (Mt 25, 23). Que Deus acolha, no seu Reino, o Sr. Walmor e seu exemplo possa sempre nos alegrar!"

TEREZA SMITH

"Com meus dezesseis anos, curtindo minha adolescência, conheci o professor Walmor. Sua fisionomia era um misto de rigidez e candura, quando o som de sua voz ecoava pelas salas de aula e salões de encontros educacionais.

Poliglota, sabia, com maestria, conquistar a juventude com suas aulas de português, francês, e, às vezes até latim.

Foi um Mestre especial e completo. Tudo nele era perfeito: entendia de casa, jardim, pomar, gastronomia e, principalmente, literatura e psicologia. A verdade é que Deus, quando distribuiu "Sabedoria", escolheu o professor Walmor e em seu cérebro, coração e postura, lhe concedeu o dom da verdade; do amor ao próximo; do respeito humano; do carinho controlado; da perfeição do caráter; da dedicação à Congregação Salesiana.

Era o mês de agosto de 1949. Ele iria apresentar para os alunos um momento de descontração. Iria fazer mágicas incríveis e uma sessão de ilusionismo. Naquela ocasião, o colégio era só para o sexo masculino. De repente, aquela voz forte, austera, veio lá do palco: - 'O que esta menina está fazendo aí?'

Meu irmão, um tanto desapontado, lhe respondeu: 'É minha irmã, professor! Ela queria ver suas mágicas. Ela veio comigo, mas, se o senhor não permitir, ela vai embora'.

Naquele momento, um tremor me correu dos pés à cabeça. Tornei-me mais calma quando ouvi: - 'pode ficar, mas só esta vez'.

Naquele dia, acabei servindo de cobaia e, de repente, me vi levitando entre duas cadeiras, diante de uma turma de garotos. Adorei! Aquele homem que parecia tão exigente, ao me ver no colégio, passou a me dirigir sempre uma palavrinha de incentivo à prática da mágica.

(...) O professor estava na França e, quando voltou, passou a ser meu conselheiro, meu instrutor educacional. Sempre perfeccionista e exigente, com ponderação, envolvia a Escola inteira.

Dividimos, anos e anos, assuntos referentes à culinária, religião, flores, licores, bordados, enfim, professor Walmor entendia de tudo. (...) A verdade é que é difícil, no mundo de hoje, alguém possuidor da capacidade e da tenacidade do professor Walmor.

Após a ausência do Pe. Jaime e a ida do Pe. Waldemar para Campos, passei a lhe dar a maior assistência possível. Na semana de sua partida, fui vê-lo, porque, pela sua voz, por telefone, senti que algo estava lhe acontecendo. Fiquei zangada quando me olhando sério, me disse: - 'Em breve a senhora vai escrever para minha carta mortuária'. Isto, três dias antes de seu falecimento. (...)

Voltei preocupada. Ele partiu logo depois. Foi para os braços de Dom Bosco. Foi-se, mas deixou para nós outros uma gama de bons exemplos, uma tonelada de sabedoria, uma infinidade de livros que absorvemos durante anos, e a lembrança de termos tido o privilégio de conviver com um verdadeiro "Mensageiro de Dom Bosco". (...) Só nos resta a lembrança de termos tido, por muitos anos, o convívio com um Grande Mestre, um excelente representante da Obra Salesiana".

PE. GERALDO GONÇALVES MAGALHÃES

"O Ir. Walmor foi o homem que levou a sério, quase diria, à radicalidade, a sua consagração religiosa. Cito alguns exemplos muito marcantes:

1. Os momentos de oração da comunidade: assiduidade impecável.
2. Retiros: anual, trimestral e mensal: fazia questão de fazê-los. Havendo momentos de partilha, sua contribuição era sempre profunda e enriquecedora.
3. Suas visitas diárias a Jesus Sacramentado eram edificantes.
4. Partilhava sua preocupação com as vocações e o futuro da Inspetoria São João Bosco, que ele amava profundamente.
5. Todos os anos, fazia uma peregrinação a Aparecida (SP), normalmente na segunda-feira de carnaval. Ultimamente, passou a ir com o Dr. Claudinho, que o convidava, para evitar que ele fosse de ônibus, como fizera até então.
6. Muitas outras atividades ou atitudes edificantes, nós, da Comunidade Salesiana de Niterói, teríamos para narrar. Outras pessoas que também as presenciaram, certamente, as citarão".

DR. CLÁUDIO CASTRO ALVES (CLAUDINHO)

"Há 56 anos, chegava eu ao Salesiano Santa Rosa para cursar o 1º ano do então ginásial, quando pude, aos poucos, aprender e vivenciar a filosofia educativa de Dom Bosco.

Lá, dentre outros, conheci o professor Walmor Marcos Muniz Freitas. Seu exemplo de 'Salesiano' com 'S' maiúsculo, perfeccionista em tudo o que fazia, humilde, íntegro, professor brilhante (atuava em diversas disciplinas), enérgico, mas ao mesmo tempo,

solidário e amigo, impunha aos alunos o respeito e os limites tão importantes e necessários para o crescimento intelectual e moral dos jovens.

Em tudo, ele se destacava. Como secretário escolar, como orientador (implantou e dirigiu o SOE), como coordenador geral do Ensino Médio. Como recreador, organizava passeios inesquecíveis, shows de mágica, hipnose, peças teatrais e cantos líricos. Participava dos eventos esportivos. Até hoje guardo uma foto do meu time, onde ele atuava como ponta esquerda. Enfim, 'um educador Salesiano'.

A partir do início da década de 1970, além de ex-aluno e admirador, me tornei um de seus médicos e amigo, acompanhando-o até os últimos momentos de sua vida.

Dom Bosco, orgulhoso, ao lado 'Daquela que tudo fez', de braços abertos, está recebendo-o lá no céu e lhe agradecendo os valorosos serviços prestados por ele, aqui na terra, aos jovens, principalmente aos mais necessitados, como era o seu desejo. Obrigado, meu querido professor Walmor".

JESUÍNO RAIMUNDO DA TRINDADE

"Homem do bem, firme na fé e sempre disponível no bom cumprimento de seus deveres. Nunca recuou diante de dificuldades, buscava força em Deus através da oração e da confiança. Muito devoto de São José e Nossa Senhora. Via em São José o exemplo perfeito de castidade, humildade e obediência, o provedor dos bens materiais. Rezava o terço todos os dias, com a mente aberta e atenta para atender e acolher as pessoas, mesmo durante a reza. (...)

Senhor Walmor tinha uma energia fora do comum. Levantava-se às 4h da manhã para o exercício físico. Praticava a corrida durante uma hora. Toda semana, viajava de ônibus, ida e volta, à noite, para São João del Rei, onde lecionava. (...) Mesmo com sua idade avançada, procurava, com entusiasmo, aprender coisas novas e não recuava diante dos obstáculos. (...).

Fez curso especial sobre o serviço de secretaria escolar. Organizou, de forma admirável e exemplar, a secretaria do Colégio Salesiano Santa Rosa, que funcionou muito bem durante muitos anos, servindo de modelo e inspiração para várias escolas.

Ele era sempre uma companhia muito agradável, sempre disposto a participar de qualquer assunto e com muita sabedoria, atento e bem antenado aos acontecimentos do nosso tempo no Brasil e no mundo.

(...) Cuidava, com munto carinho, da capela na residência. Gostava de falar sobre o tempo em que passou na Europa, como seus números de mágica e seu dom musical eram valorizados por seus admiradores. Implantou o costume de se rezar o terço caminhando nos corredores e no pátio do Colégio Salesiano da Bélgica, com a participação de adeptos e admiradores, quando recebeu o título de "Príncipe Negro" no mundo da mágica. Seu acervo de mágica tem um valor incalculável. Muitos números não existem no Brasil e alguns são únicos no mundo, material de primeira qualidade. (...)

Sr. Walmor é um grande exemplo de vida para nós. Ele falava muito bem da sua família, demonstrava muito amor e carinho para com seus pais e parentes. (...)

Ele era um radar ambulante, percebia, com facilidade, tudo o que se passava em sua volta; estava sempre por dentro das notícias e acontecimentos. Um pequeno exemplo: logo depois do *impeachment* da presidente Dilma, ele fez a seguinte pre-

visão: 'poderá aparecer alguém para tentar anular a votação; a forma como tudo foi conduzido dá espaço para tal'. Como podemos ver, sua previsão se concretizou com a tentativa do Presidente interino da Câmara, o deputado Valdir Maranhão.

(...) Dr. Cláudio teve um problema sério de saúde, difícil de ser resolvido. Sr. Walmor me disse, quase em segredo e um tanto emocionado: 'Com muita oração e fé, ascendi velas em meu quarto, mantendo-as acesas dia e noite, até a cura do nosso bondoso médico. Foi um verdadeiro milagre, não tenho dúvidas disso!...'.

(...) Apenas como curiosidade e algumas semelhanças com o Papa São João Paulo II: João Paulo II nasceu no dia 18 de maio de 1920. Sr. Walmor nasceu no dia 12 de maio de 1921. João Paulo II tinha ótima voz, como cantor. Sr. Walmor também tinha bela voz e era cantor. João Paulo II era ótimo ator e usava o teatro para passar boas mensagens formativas e educativas. Sr. Walmor também tinha as mesmas características. Papa João Paulo II gastou sua vida transmitindo o bem e não mediou sacrifícios para iluminar o caminho da humanidade... até o final de sua vida, e continua. Foi como uma vela que transmite luz até o seu consumo total. Sr. Walmor, embora em escala bem menor, também procurou transmitir o bem e a luz de Deus até o final de sua vida, com lucidez. Papa João Paulo II faleceu no dia 2 de abril, com 84 anos de vida, faltando apenas 46 dias para completar 85. Sr. Walmor faleceu no dia 4 de maio, com 94 anos, faltando apenas 38 dias para completar 95. Ambos estão no Céu e continuam nos iluminando, torcendo e vibrando para que possamos chegar lá também".

A ÚLTIMA MÁGICA

"A última apresentação do mágico foi a de partir com discrição"

Foi no dia 03 de maio, antes de partir para a eternidade. Pe. Orestes transmitia a notícia, dada pelo Pe. Gustavo, de seu internamento no hospital. Então, pegos de surpresa pela notícia de seu estado preocupante, pareceu-nos ver sua figura surgindo solene num palco. Não acreditando, pois o seu estado era de fato muito grave após uma parada cardio-respiratória... mas era pura verdade: o Ir. Walmor, Príncipe, vinha solene, lento... Trazia nas mãos apenas uma cartola.

Começou um espetáculo diferente. A cartola estava de boca para baixo, em suas mãos. A seguir, em silêncio, ele mostrou o interior da cartola para todos os expectadores, provando que não havia absolutamente nada dentro da cartola. Depois, num gesto engraçado e enérgico, jogou o que não havia na cartola para cima. Então vimos, admirados, cinco cartas voando pelos ares, saindo da cartola. Elas voejaram sobre nossas cabeças, por uns instantes e depois desapareceram no ar.

E agora? ... Expectativa silenciosa... O Príncipe estalou o dedo médio na mão direita e uma primeira carta apareceu. Veio caindo em sua direção. Ele a pegou. Leu alguma coisa escrita na carta e nos mostrou. Então pudemos ler: **MOSSORÓ**.

Houve um momento de silêncio e ninguém entendeu. Ele então explicou: -

Mossoró é a cidade do sal. Em Mossoró a abolição da escravatura aconteceu bem antes da Lei Áurea, cinco anos antes, em 1883.

Carioca, da periferia, sentiu em sua carne a discriminação racial até sua juventude. Descendente de escravos, não escapou... Mas deu a volta por cima, e como!

E agora? O que será das outras cartas? ...comentamos. Foi então que ouvimos um segundo estalo do dedo, o mesmo da primeira carta, por duas vezes. Então, apareceu uma segunda carta, que veio pousar em suas mãos, como a primeira. Leu o que estava escrito. Mostrou-nos... Silêncio curioso esperando explicação... Estava escrito: **SAL**.

A explicação chegou: “*Vós sois o sal da terra; porém se o sal perder a sua força, ... para nada mais serve*” (Mt 5,13). O sal de Mossoró! E o Príncipe Negro deu uma longa explicação. O sal usado pelos antigos era o sal-gema e o dos lagos de água salgada. Este era impuro e a parte exterior, sem sabor. A alusão de Mt 5,13 é a esta espécie de sal, que muitas vezes tinha de ser lançado fora, como coisa inútil.

Ficamos na expectativa, curiosos, querendo saber qual seria a próxima carta. O Príncipe Walmor estalou o dedo três vezes. Como as duas primeiras cartas, veio a terceira. Ele a tomou nas mãos e nos mostrou: **TEMP**. Então é que ficamos mesmo perdidos. Que será este “temp”?

Logo o Príncipe explicou: Este termo tem muito a ver com os dois primeiros. “*A estrutura ‘temp’ que integra o termo temperança pode também estar escondida na composição de palavras como tempero, temperar e similares, numa visão do étimo popular. No Saraiva, achamos temperar na acepção de encontrar a justa medida dos condimentos, para que as iguarias sejam saborosas e saudáveis. A experiência diária comprova que a falta ou o excesso de sal, de açúcar ou de outros condimentos pode tornar insípidos ou intragáveis os alimentos que ingerimos*”.

Gostamos da explicação e aplaudimos muito; as três primeiras cartas têm muito a ver uma com a outra: Mossoró, sal, tempero... Mais curiosos ainda ficamos para ver qual seria a quarta carta e qual seria sua relação com as três primeiras. Até então havia uma sequência lógica.

Ouvimos, a seguir, quatro estalos. Surgiu a quarta carta. Parecia que vinha mais solene, pois voejou por mais uns instantes sobre nossas cabeças e foi pousar nas mãos do Príncipe... **TEMPERANÇA**.

Ele percebeu que estávamos cada vez mais curiosos, ansiosos por saber qual seria o desfecho daquele espetáculo. A seguir, ele deu a explicação:

“*A temperança é como quem segura as rédeas de um indômito corcel*”.

“**TEMPERANÇA** é hábito que facilita ao cristão ajustar o uso dos meios de relacionamento do mundo exterior com o interior, ser-no-mundo de modo que o elemento espiritual regule as ações, as atitudes e disposições do homem.

Os sentidos são instrumentos pelos quais o exterior é investigado e lido para interpretação em foro interno. A temperança é como quem segura as rédeas de um indômito corcel, disciplina as investidas perquisitivas do interior e as tentativas liberais, invasoras, do exterior.

A temperança poda os excessos, impõe acomodação a impulsos desordenados, minor a afoiteza (...) Temperança é moderar impulsos como o de tudo ver, de tudo desejar, de tudo assimilar; de tudo experimentar um pouco. A temperança regula comportamentos que solapam as raízes da pobreza, da castidade e da obediência e de outros valores necessários à vida religiosa” (...)

E aí?... Todo mundo de queixo caído... de boca aberta... diante da sabedoria deslumbrante do Príncipe Negro. E a quinta carta, o que será?

Os cinco estalos se fizeram ouvir. Em seguida, a carta apareceu; veio voando lentamente em direção ao Ir. Walmor. Ele a acolheu e demorou um pouco para mostrá-la, aguçando a nossa expectativa. Finalmente a mostrou, solenemente, demorou... Depois leu: **CARDEAL!**

Agora, sim, é que não entendemos... Seria algum prelado? Não vislumbrávamos nenhum nexo entre "cardeal" e as outras cartas... E o Príncipe Walmor, solenemente, começou sua explicação: *"Entre as Virtudes Cardeais, existe uma cujo nome é TEMPERANÇA. Haverá relação entre a virtude e a arte de cozinhar? O ponto de referência não é bem virtude e culinária. O fulcro da questão está na semelhança que o radical empresta ao expressivo do hábito espiritual e à técnica do bom profissional de forno e fogão: regulagem, equilíbrio, refreamento, abstenção, atenção, atributos obtidos ao preço de sacrifício, de esforço, de privação, para os quais se exigem bom senso e não pouca força de vontade."*

A temperança acaba se estendendo a um controle geral da vida, de modo que o homem não pecke por excesso nem por falta, nem interna nem externamente. Ela se coloca como válvula controladora das paixões e como estimulante nas situações de timidez. ...

Uma pergunta que fica no ar é esta: "por que os salesianos já não falam de temperança, como faziam os antigos, à imitação do Pai?" Será que, num duelo até o último sangue, a temperança foi fragorosamente derrotada pela 'alienação do ser ou do estar'?" ...

Terminou aí o espetáculo da última mágica. O Príncipe foi longamente aplaudido e enquanto isto, ele foi se afastando vagarosamente até desaparecer completamente do palco.

De suas obras, a mais importante é o resultado de seu conhecimento de Dom Bosco, de seu amor à Congregação, de sua fidelidade ao ideal salesiano. Trata-se do livro **A TEMPERANÇA EM DOM BOSCO**, publicado em 2010. Aí ele mostra seu conhecimento de Dom Bosco, seu amor, sua fidelidade e seu ideal salesiano.

"Sua vida foi um hino de glória para a Congregação, porque buscou viver, com fidelidade, o ideal salesiano".

Pe. Geraldo Martins Lisboa, SDB.

DADOS PARA O NECROLÓGIO:

Ir. Walmor Marcos Muniz Freitas, SDB

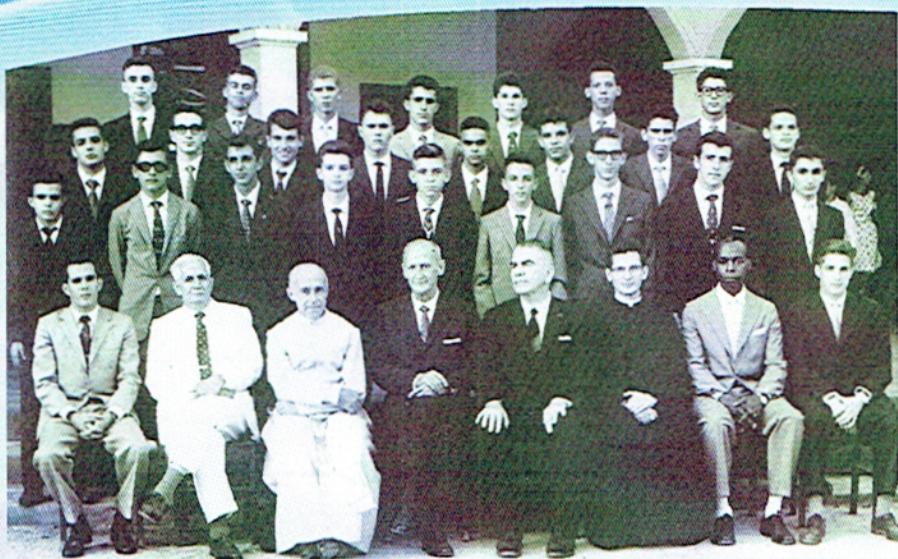
Nascimento: 12/05/1921 – Rio de Janeiro, RJ

Primeira Profissão: 31/01/1943 – São Paulo, SP

Profissão Perpétua: 26/01/1949 – São João del Rei, MG

Falecimento: 04/05/2016 – Niterói - RJ

94 anos de idade e 73 de vida religiosa salesiana.



SALESIANOS

INSPETORIA São João Bosco

Av. Trinta e Um de Março, 435 – Dom Cabral

CEP 30535-000 • Belo Horizonte – MG

Fone: (31) 2103-1200

www.salesianos.br